



Estudos Culturais e Comunicação: Aproximações Epistemológicas¹

Talles Rangel Rodrigues²

Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade de Paulo

Resumo

Este trabalho tem por objetivo geral analisar o estatuto disciplinar da Comunicação no tocante a sua imbricação com os Estudos Culturais a partir da corrente nascida em Birmingham e, posteriormente, da perspectiva latino-americana. O fio condutor analítico deste artigo são as ementas do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos ofertadas entre os anos de 2009 e 2010. Metodologicamente, este trabalho realiza uma pesquisa bibliográfica e análise documental. A hipótese geral deste trabalho orienta-se pelo pressuposto de que a Comunicação, sendo uma disciplina que edifica seu estatuto disciplinar na transversalidade, recorre aos estudos da cultura para dar lastro a sua legitimação que se plasma por meio do cotejamento de sua institucionalização, aqui observado nas ementas sob análise.

Palavras-chave: Comunicação, Estudos Culturais, Estatuto Disciplinar da Comunicação, Institucionalização, Transversalidade Epistemológica.

Formular uma definição aceitável de “ciência empírica” é tarefa que encerra dificuldades. Algumas dessas dificuldades decorrem do fato de que devem existir muitos sistemas teóricos cuja estrutura lógica é similar à estrutura lógica do sistema aceito em um particular instante da História, como sistema de ciência empírica.

Karl Raimund Popper. A Lógica da Pesquisa Científica.

A reflexão do filósofo austríaco transposta na epígrafe nos revela uma chave para pensarmos a proposta geral desenvolvida aqui. Não a partir de uma “ciência empírica”, como postulava Popper (2007), mas sim de uma acepção de uma disciplina indiciária. Este segundo pressuposto, que ganha força com os estudos de Guizburg (1990), é apropriado por Braga (2008) para se pensar o campo da Comunicação. O modelo ou paradigma indiciário não configura uma visão axiomática, mas sim uma

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Institucionalidades, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Comunicação Organizacional pela USP. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Rondônia. Atua na chefia de reportagem da Rede Bandeirantes. Email: talles.rangel@usp.br



possibilidade de mirada aos fenômenos da Comunicação, aqui assumida como uma disciplina constituída. O caminho indiciário é um percurso que, assim como outros modelos, a exemplo da perspectiva histórica, normativa ou filosófica, oferece embasamento para se pensar os fenômenos não só da Comunicação, mas também os quais a Comunicação se presta a estudar.

É a partir da perspectiva da transversalidade epistemológica como forma edificante da Comunicação que pretendemos desenvolver nossa acepção geral. Nesse sentido, acreditamos que a Comunicação, por ser uma disciplina que se edifica na transversalidade, apropria-se dos estudos da cultura para dar lastro ao processo de institucionalização de seu estatuto disciplinar. Nesse eixo de raciocínio, compreende-se aqui que o estatuto disciplinar configura espaço abstrato de significação no interior do paradigma. A nosso ver, esse espaço de significação, por meio da transversalidade proposta por Braga (2010), apropria-se dos Estudos Culturais para a constituição de seu estatuto disciplinar. Se, por um lado, o estatuto disciplinar é visto aqui por um ponto de vista abstrato, por outro vemos necessariamente o desafio da institucionalização que passa obrigatoriamente pela dimensão concreta.

De maneira mais translúcida, é como se o estatuto disciplinar detivesse as credenciais que lhe conferem a “outorga” de um campo científico circunscrito em um paradigma. Sendo um paradigma, conforme preconizou Kuhn (2011), o conjunto de idéias, teorias e métodos partilhados por uma comunidade científica, o estatuto disciplinar, por meio de seus enfoques e problemas de pesquisa, busca sua legitimação. Nesse sentido, acredita-se que a legitimação se plasma, dentre outras formas, por meio da institucionalização. Desta maneira, asseveramos que a constituição plena do estatuto disciplinar só pode ser plena se a dimensão abstrata, já delineada anteriormente, estiver alinhavada com o viés concreto que vem, a nosso ver, pela institucionalização. Se tal presunção aqui posta busca sua legitimação, ainda que



corra o risco de resvalar numa concepção de reificação³, entendemos que tal risco se afasta justamente pelo “conduíte” que põe em justaposição essas duas dimensões.

O “conduíte” aqui convocado que põe em justaposição as dimensões concretas e abstratas do estatuto disciplinar é a transversalidade epistemológica. É justamente a transversalidade que afasta o risco de reificação. Esse raciocínio nos conduz ao fio condutor de nosso trabalho que objetiva compreender a maneira como o estatuto disciplinar se imbrica com a institucionalização. Nesse sentido, busca-se compreender também o papel e a contribuição que os Estudos Culturais, por meio da transversalidade epistemológica, dão à Comunicação em seu processo de institucionalização.

Os objetivos acima delineados são observados a partir da dimensão concreta da institucionalização a partir de quatro ementas do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). A opção pela observação do ementário se justifica na medida em que, sendo parte obrigatória de um programa de pós-graduação, já se constitui naturalmente um cotejamento da institucionalização. Nesse sentido, põem em caráter concreto as credenciais do estatuto disciplinar. A escolha pelo programa de Ciências da Comunicação da Unisinos se deu pela integral disponibilidade do ementário no período de 2009 a 2010. O recorte temporal da observação se deu em razão do período ser anterior a elevação da nota do programa de pós-graduação⁴. O que, a nosso ver, coteja uma experiência lúcida de plenitude da institucionalização.

³ Originalmente, o termo reificação é encontrado na obra de Karl Marx e, posteriormente, revisitado por George Lukács. Pressuposto segundo o qual uma realidade ou algum ente de natureza social e/ou dinâmica passa a assumir caráter amorfo. Trata-se de um processo de transmutação em que algo de caráter dinâmico passa a ter rigidez. Ainda na acepção dos dois filósofos citados pode significar a coisificação de uma realidade viva (C.f. ABBAGNANO, 2007). À parte a essa profundidade teórica com vasta carga semântico-polissêmica, fazemos aqui o uso deste termo para indicar um risco de coisificar uma realidade abstrata. Com essa ressalva, a nosso ver, o termo fornece plenamente subsídio para nossa argumentação.

⁴ Todos os programas de pós-graduação no Brasil são avaliados e recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Qualquer programa só pode funcionar se receber a recomendação da CAPES. Após as avaliações que, agora são feitas a por triênios, cada programa recebe nota que obedece a uma escala que vai de 3 a 7, sendo 3 o mínimo necessário para o funcionamento de um mestrado e quatro o mínimo necessário para um doutorado. A nota cinco demonstra padrão de excelência em nível nacional e as notas seis e sete padrão de excelência em nível internacional.



Metodologicamente, o trabalho adotou pesquisa bibliográfica, onde se buscou o levantamento de conceitos que dessem lastro a nossa hipótese geral e que ajudassem a alinhar a completude de nossos objetivos. Em seguida partiu-se para a análise documental.

O trabalho foi edificado em três partes. Na primeira retomamos a gênese dos estudos culturais, os principais autores e o delineamento dos conceitos desenvolvidos no âmbito da Escola de Birmingham e o desenvolvimento da vertente latino-americana. Em seguida trazemos as reflexões sobre o estatuto disciplinar da Comunicação, bem como as acepções do paradigma indiciário e as concepções de transversalidade epistemológica. Nesse cenário tecemos a análise do nosso *corpus* de pesquisa na terceira parte.

A Gênese, a Edificação e a Difusão dos Estudos Culturais

Incrustada no afastado bairro de Edgbaston, a imponente torre do relógio Chamberlain testemunharia o grande torvelinho que as idéias em torno dos trabalhos de Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Thompson e, posteriormente, Stuart Hall causariam nos estudos da cultura a partir das influências do marxismo revisitado de pela leitura cultural de George Lukács, Louis Althusser e Antônio Gramsci. Por aquelas portas geometricamente desenhadas, guardadas por nove estátuas esculpidas em pedras, passaram as influências do estruturalismo francês, dos estudos dos signos a partir de Ferdinand Saussure e Charles Sanders Peirce. Ao passo que os vitrais em formato de arcos, que imitam um estilo neo-gótico, reverberam os escassos raios solares do inverno inglês, o facho teórico de natureza pós-moderna de Derrida e Foucault também reverberara nesse torvelinho. (C.f. MARTINO, 2009).

Esse cenário constituído na Universidade de Birmingham abrigaria os entreatos do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) que compreendem um eclético olhar da cultura que passa a compreendê-la não mais como:

Uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. [...] A cultura não significa simplesmente a sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas – expressas mais notavelmente



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

através do discurso e da representação – que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. (ESCOSTEGUY, 2013, p. 156).

Nesse eixo de compreensão da cultura note-se que esse novo olhar passa a considerar os níveis da cultura, não sendo mais algo homogêneo como pontuou Escosteguy (2013), bem como o ator social sai do até então papel passivo e passa pelo reconhecimento de uma atuação ativa. Essa trupe passa a propagar tais idéias já no fim da década de 1950 e consolida-se no transcorrer da segunda metade do século XX. Com raízes que reverberam nas intervenções do cotidiano, os estudiosos de Birmingham destacam-se por “elegerem como objeto temas negligenciados pelas práticas acadêmicas de sua época, da cultura de massa à cultura popular” (MARTINO, 2009, p. 241). Nesse sentido, um dos trabalhos pioneiros vem de Hoggart sobre os usos da leitura onde quis “compreender como as pessoas usavam as informações da mídia na vida cotidiana partindo do princípio que a capacidade de leitura –literacy- é a capacidade das pessoas de relacionar o que lêem ou o que vêem com sua vida cotidiana” (MARTINO, 2009, p. 242). Esse viés envereda pela compreensão de que o sujeito ativo interpreta os sentidos atribuídos às mensagens e os ressignificam. Essa é uma das chaves da teoria de recepção.

Nesse contexto, o pensamento sobre a comunicação de massa muda de foco. Se outrora, fora dos domínios de Birmingham, imagina-se a possibilidade dos efeitos da comunicação, no pensamento que emerge dos Estudos Culturais passe-se a considerar os sentidos. Desta forma, Jacks e Escosteguy (2005) explicam um dos pontos fulcrais da perspectiva dos Estudos Culturais na medida em que:

A comunicação de massa é vista como integrada às demais práticas da vida diária, entendidas estas como todas as atividades que dão sentido à vida social. Desse ponto de vista, portanto, a vida e as atividades sociais estão fundadas e são dependentes de processos de produção de sentido. Para os estudos culturais, portanto, a pesquisa em comunicação não é a que focaliza estritamente os meios, mas a que se dá no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática. (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 38-39).

Essa guinada epistemológica considera, em linhas gerais, as inter-relações que determinadas práticas culturais ou simbólicas tem com qualquer estrutura de poder.



Logo há uma interconexão entre os contextos sociais que determinadas práticas estão inseridas em direta relação com os atores sociais. Nesse eixo de raciocínio, Martino (2009, p. 243) acrescenta que “os Estudos Culturais entendem os meios de comunicação como uma produção cultural inserida em um contexto histórico e social particular”. Tais perspectivas assumiram diversos vieses no transcorrer das décadas subsequentes a 1950, sendo trazidos à discussão, para além da cultura, temas como a questão feminista e a discussão sobre gênero, bem como a observação do cotidiano como componente imamente do tecido social. Nesse contexto, Escosteguy (2013, p. 157) argumenta que quando “os Estudos Culturais prestam atenção a formas de expressão culturais não tradicionais se descentra a legitimidade cultural”.

A compreensão de cultura apreendida pelo grupo de estudiosos do CCCS pode ser, em linhas gerais, traçada a partir de quatro importantes pilares, segundo Martino (2009). Nessa perspectiva, a primeira grande chave abre caminho para se pensar que o enfoque do olhar para a Comunicação se dá na medida em que o fio condutor centra-se nos usos que o receptor/indivíduo faz diante dos meios. O segundo pilar estruturante articula a noção de cultura popular como elemento que engendra identidade do cotidiano inseridas bordada no tecido social, cujas linhas são alinhavadas pela agulha do imaginário. A partir desse entendimento, os frutos da mídia não são senão uma produção simbólica imersa em um espaço social determinado. Assim, a difícil tarefa de se compreender a completude na cultura de massa se torna ponto fulcral para o entendimento da complexidade do cotidiano. O quarto pilar estruturante que resume a compreensão de cultura para os Estudos Culturais assevera sobre a necessidade de “entender a idéia de ‘massa’ como um momento da sociedade, não sua característica principal. ‘Massa’ é um estado momentâneo, não uma forma de vida. Ao contrário, a cultura reflete igualmente momentos de padronização e de diversidade”. (MARTINO, 2009, p. 243-244).

Essas linhas gerais que, grosso modo, sintetizam a perspectiva teórica dos Estudos Culturais devem ser pensadas também no âmbito de sua formação disciplinar. Embora Escosteguy (2013) conceba o termo disciplina entre aspas para falar dos



Estudos Culturais, tal posicionamento é apenas para lembrar o caráter não monolítico deste enfoque de estudos tecido no interior de Birmingham. Nesse sentido, observamos um caráter pungente inter e transdisciplinar na medida em que tal movimento iniciado no fim dos anos 1950 via-se insatisfeito com os limites das fronteiras disciplinares até então constituídas. Nesse sentido, os Estudos Culturais configuram-se “um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado” (ESCOSTEGUY, 2013, p. 159).

Os Estudos culturais emergem no tensionamento e na inflexão da política, de um lado, e as demandas teóricas para a compreensão da cultura, no outro lado. Nesse sentido, as articulações entre a História, a Sociologia e os Estudos Literários lançaram três níveis diferentes de compreensão, sendo que o primeiro deteve-se em torno das culturas populares o que permitiu uma reflexão que perpassou as relações entre o texto e as intertextualidades. Tal condição propiciou uma reflexão e uma mirada para além da literatura.⁵ Nesse eixo de raciocínio, Jacks e Escosteguy (2005, p. 34) explicam que “a tradição literária desponta como importante legado, em especial, sobre uma determinada noção de ‘leitor’, que na área da comunicação trata, sobretudo, de um olhar sobre a audiência inscrita no texto”. O campo sociológico reverberou de modo pungente um olhar que girou em torno da subordinação e da reprodução cultural.⁶ Ao olhar histórico, a articulação dos Estudos Culturais promoveu uma perspectiva já próxima do paradigma da Nova História, que ganhou força com os trabalhos da *École des Annales*, especialmente no tocante à perspectiva

⁵ Muito embora estejamos falando de contexto, espaço e tempo distintos, a nosso ver, poderíamos traçar aqui uma inter-relação propositiva entre essa vertente dos Estudos Culturais e a literatura de Cordel que tem forte tradição no nordeste brasileiro. Ainda na literatura brasileira poderíamos citar escritores como João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna, cujos trabalhos perpassam o campo da linguagem e alcançam um nível de tensionamento entre a poética e a contexto social à qual a obra está inserida.

⁶ Nesse contexto podem citar o trabalho do sociólogo brasileiro José de Souza Martins, especialmente seus trabalhos desenvolvidos na Amazônia ao longo de mais de trinta anos.



da “história vista de baixo”, bem como novas formas do trabalho historiográfico que vieram a partir da história oral⁷. (C.f. ESCOSTEGUY, 2013).

Tais percursos percorridos no âmbito dos Estudos Culturais desenvolvidos em Birmingham, grosso modo, deram suporte a uma original corrente de reflexão sobre a pesquisa de recepção na América Latina. Nesse percurso, vemos duas importantes trajetórias a partir de Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini⁸, onde encontramos a perspectiva das mediações e a questão do consumo e da recepção. Com base em um dos textos fundadores⁹ da teoria das mediações, Martino (2009) explica que tal pensamento:

Propõe um deslocamento dos estudos de comunicação: no lugar de se preocupar com os meios e suas condições específicas de produção ou mensagem, era preciso pensar nas mediações, nos processos culturais, sociais e econômicos que enquadravam tanto a produção quanto a recepção das mensagens da mídia. (MARTINO, 2009, p. 179).

Tal pressuposto emerge com bastante originalidade e configura uma deslocação do pensamento na medida em que outrora a tradição de estudos da Comunicação estava ligada aos Estados Unidos, França e Alemanha. Nesse sentido, a proposta de se pensar as mediações que surge no fim dos anos oitenta do século XX representa, conforme pontuou Martino (2009), um duplo deslocamento no âmbito e geográfico. Nesse raciocínio tecido por Jesús Martín-Barbero, Martino (2009) esclarece que:

Pode-se entender por mediações as estruturas de construção de sentido às quais o receptor está vinculado. A história pessoal, a cultura de seu grupo, suas relações sociais imediatas, sua capacidade cognitiva são mediações, mas também interferem no processo sua maneira de assistir televisão, sua relação com os meios e com as mensagens veiculadas. (MARTINO, 2009, p. 179)

Nas veredas das mediações, vemos no cenário latino-americano a questão do consumo que, no percurso teórico do sociólogo argentino Néstor García Canclini, aparece em local de destaque. O consumo serve para pensar. Essa afirmação

⁷ Maiores referências sobre o paradigma da Nova História podem ser encontradas em Burke (1991). Na experiência brasileira, tem-se no trabalho de Bosi (1994) no qual a autora faz uso da história oral, sob uma perspectiva da “história vista de baixo” em relação às estórias sobre a cidade de São Paulo contadas por idosos.

⁸ A vertente latino-americana dos Estudos Culturais abarca autores. Vamos nos deter aqui em Barbero e Canclini por uma questão de espaço e de recorte.

⁹ BARBERO, Jesús-Martín. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.



provocativa encontra lastro na medida em que o “consumo, nesse universo, é o código de uma das principais mediações. Material e simbólico, o consumo ganha uma importância maior por ser a referência ao principal elemento, a mercadoria” (MARTINO, 2009, p. 181).

Os percursos pelos quais transcorreram as correntes dos estudos culturais seja no âmbito de Birmingham, ou das vozes cantantes da América Latina demonstram, conforme já pontuara Escosteguy (2013), um profundo caráter inter e transdisciplinar. Nesse sentido, a nosso ver, vemos um caminho para a transversalidade epistemológica, que de acordo com a hipótese geral deste trabalho, faz a ponte entre os Estudos Culturais e o estatuto disciplinar da Comunicação, aqui entendido a partir do modelo indiciário. Tendo em vista esse pressuposto apresentamos a seguir os conceitos gerais sobre transversalidade epistemológica e o paradigma indiciário.

Transversalidade Epistemológica e a Comunicação

Em um importante artigo publicado na revista *Matrizes*, Braga (2008) tece algumas reflexões sobre a disciplina de Comunicação e o paradigma indiciário. Apesar do próprio título, Braga expõe que a Comunicação não é uma disciplina indiciária. Isto porque:

A base do paradigma não é colher e descrever indícios – mas selecionar e organizar para fazer inferências. Uma perspectiva empiricista ficaria apenas na acumulação de informações e dados a respeito do objeto singular. Diversamente, o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos. (BRAGA, 2008, p. 78)

Nesse sentido, acreditamos que o pressuposto de transversalidade epistemológica pode contribuir com maior clareza para pensarmos a Comunicação como disciplina e, sobretudo, fornecer embasamento para pensarmos a problemática de nosso trabalho que caminha na imbricação do estatuto disciplinar da comunicação e seu processo de institucionalização. Nesse eixo de raciocínio, ao assumir que a Comunicação se edifica por meio da transversalidade epistemológica nos aproximamos de nosso *corpus* de análise. Desta forma, para compreendê-lo é necessária uma reflexão sobre a constituição do estatuto disciplinar da Comunicação.



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Se no contexto do século XIX, as disciplinas que àquela época se edificaram o fizeram sob a égide do paradigma positivista, cuja condição *sine qua non* sinalizava para a racionalização do conhecimento, uma das características mais pungentes das cicatrizes desse paradigma plasma-se na caracterização de uma disciplina que, naquela lógica, só recebe as credenciais de disciplina/ciência por meio na racionalização e articulação estrita entre objeto e método. Frente esse breve resgate histórico do percurso das disciplinas “clássicas” que passaram por esse processo como a História, Sociologia, dentre outras, Braga (2010) assevera que ótica não oferece embasamento para se pensar uma área de conhecimento quando explica que:

Não são os critérios positivistas que podem funcionar como clivagem para o conhecimento de uma disciplina. As metáforas ‘territoriais’ (antes facilitadas pela exclusividade objetual e pelos mapas de percurso preferencial propiciadas pelo método apriorístico) são certamente ineficazes para trocarmos idéias sobre as diferentes experiências no trabalho de produzir conhecimento, seja na pesquisa empírica, seja na elaboração teórica. (BRAGA, 2010, p. 25).

Em consonância com o posicionamento de Braga (2010), acreditamos que o lastro epistemológico da Comunicação pode se dar pelo caminho da transversalidade. Frente a esse posicionamento assumimos também, como ponto de partida para a compreensão dos estudos de Comunicação, que reconhecer tal saber como uma área de conhecimento ou como uma disciplina configura-se um processo que passa necessariamente pela instância de sua institucionalização. Um rápido olhar à própria constituição dos Estudos Culturais, que delineamos na primeira parte do trabalho, mostra claramente a transversalidade no tocante à concepção teórica alinhada à sua institucionalização, ou seja, a incorporação de tais pressupostos teóricos a um centro de estudos.

Nesse raciocínio cabe perguntar de que forma a Comunicação passa pela transversalidade epistemológica no seu estatuto disciplinar e de que forma isso se transfigura em sua institucionalização? É justamente à guisa dessa resposta que propusemos aqui um olhar para o ementário de um programa de pós-graduação. Nesse sentido, as ementas se configuram como elemento consolidado da institucionalização na medida em que estão inseridas em um contexto mais *latu* de uma comunidade



científica. Se, por um lado, as ementas – como material físico/concreto- são elementos da institucionalização, seu conteúdo, objetivos, propostas, formas de avaliação e referências bibliográficas caminham para a dimensão do estatuto disciplinar na medida em que vão debater temas de cunho epistemológico, teórico/metodológico e empírico.

Desta forma, vemos que a área de Comunicação tanto em seu estatuto disciplinar como em seu cotejamento de institucionalização buscam profundas referências nos Estudos Culturais. Nesse sentido, a profunda articulação que a Comunicação faz com os Estudos Culturais se reflete no próprio capital científico da Comunicação. Percebe-se claramente um movimento de transversalidade na proposição disciplinar de nosso *corpus* de análise. A seguir vemos tais movimentos transversais a partir de quatro disciplinas selecionadas entre os anos de 2009 e 2011 que trabalham visceralmente as proposições dos estudos culturais, seja na perspectiva inglesa, seja na perspectiva latino-americana.

Observação Analítica do *Corpus* de Pesquisa

Nosso escopo foi delimitado a partir das disciplinas denominadas (1) Mídias, identidades culturais e cidadania, (2) Pesquisa Multimetodológica em produção e recepção de mídia, (3) Teorias e Metodologias em recepção midiática, (4) Culturas em Trânsito e mídias comunitárias¹⁰. Nossa proposta não foi construir um inventário do ementário, mas sim buscar os pontos de transversalidade entre os Estudos Culturais que corroborassem com os objetivos aqui buscados. Traçamos uma breve apresentação das ementas para melhor fruição do *corpus* aqui delimitado.

Mídias, identidades culturais e cidadania

Já na proposta ementária, o percurso disciplinar caminha de modo transversal ao buscar os fundamentos das inter-relações entre os media, a cidadania e a cultura. Muito embora tais objetivos possam ser alinhados com os estudos de Birmingham, a ementa baseia-se grosso modo na contribuição da corrente latino-americana para a

¹⁰ As ementas estão disponíveis na íntegra em <http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/comunicacao/presencial/sao-leopoldo/mestrado/estrutura-curricular>
Acesso em 30/06/2015.



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

compreensão de fenômenos como o de identidades culturais, culturas urbanas, mediações, multiculturalismo e interculturalidade.

Pesquisa Multimetodológica em Produção e Recepção das Mídias

O pano de fundo da proposta é a construção de metodologias para a compreensão de fenômenos da Comunicação que se inserem no âmbito da cultura, com vistas ao desenvolvimento de modelos interpretativos de dados empíricos. Propõe-se a debater o espaço de produção do conhecimento, bem como a construção do objeto e a pesquisa qualitativa em Comunicação.

Teorias e Metodologias em Recepção Midiática

Foca na análise das origens, vertentes e características dos estudos de recepção. A partir de fenômenos ocorridos na América latina, a ementa propõe resgate da gênese dos estudos britânicos e latino-americano da cultura para então resgatar e debater conceitos de mediações, identidades culturais, cultura e cotidiano, comunicação e midiatização. Busca ainda sistematizar e discutir as metodologias e métodos utilizados nos estudos empíricos de recepção.

Culturas em trânsito e mídias comunitárias

Dá enfoque crítico às metodologias, teorias e recortes de pesquisa. Aborda criticamente temas e conceitos como Multiculturalismo, interculturalidade, diásporas e migrações, bem como identificações transnacionais e identidades.

Em todas as ementas aqui observadas há uma recorrente consonância e associação dos Estudos Culturais que abarcam desde as reflexões da perspectiva preconizada em Birmingham até as mais contemporâneas abordagens propostas pela corrente latino-americana. Alinhados com o pressuposto de transversalidade epistemológica, os percursos aos quais cada uma das ementas pretendem percorrer demonstram de maneira pungente o “derretimento” da maneira canônica de se conceber uma disciplina, como já pontuara Quiroga Fauto Neto (2010), e acenam de modo bastante sólido para um cenário onde uma área de conhecimento, neste caso a Comunicação, não está dissociada de fenômenos que se edificam no seio da cultura.



O que corrobora nossa argumentação, além do próprio olhar analítico dado ao *corpus*, é a consonância de todas as ementas, cada uma a maneira, de se propor a refletir fenômenos como multiculturalismo, interculturalidades, identidades culturais, migrações, diásporas. É nesse tensionamento que localizamos respostas ao nosso objetivo geral que busca entender o modo como o estatuto disciplinar da Comunicação se imbrica com a institucionalização. Nesse sentido, o que o *corpus* analisado nos oferece é a visão de que o estatuto disciplinar da Comunicação se edifica por meio da transversalidade. Neste caso observado, o movimento transversal segue em direção aos Estudos Culturais que, a partir de tal articulação, nos oferece embasamento para entendermos fenômenos que nascem intrincados entre a Comunicação e a(s) cultura(s).

A Comunicação ao alinhar pela transversalidade os estudos da cultura em seu estatuto disciplinar e transpor para sua institucionalização abre caminhos para a reflexão de várias frentes abordadas/estudas/investigadas pela comunicação que, sem a compreensão dos fenômenos da cultura, seria capenga o olhar da Comunicação. Nesse sentido podemos observar, por exemplo, a ponte entre os Estudos Culturais e as pesquisas de Comunicação Organizacional propostas por Ferrari (2011) no sentido de compreender questões como choque cultural, valores organizacionais. Em outra frente de estudos da Comunicação podemos citar as investigações telenovelas e recepção, proposta por Lopes (2014), que também traça um olhar para um fenômeno da comunicação que nasce na imbricação com a cultura.

Esses dois exemplos reforçam o caráter de transversalidade epistemológica na constituição do estatuto disciplinar da comunicação que, por sua vez, plasma-se no processo de institucionalização da Comunicação. No caso de nosso escopo observado, todas as ementas analisadas valem-se das contribuições teóricas, metodológicas e epistemológicas dos Estudos Culturais seja da corrente britânica ou latino-americana. Nesse sentido, a transversalidade epistemológica tem sua concretude na medida em que as ementas assumem que tais fenômenos que se desenvolvem no âmbito da



cultura seja no tocante a identidade(s), interculturalidade, multiculturalismo etc. também são fenômenos da Comunicação.

Considerações Finais

Se a Comunicação é elemento inerente ao ser humano, a cultura é ponto fulcral da essência do homem. Da miríade de conceituações que se pode aceitar de cultura agrada-nos aquela que diz que a cultura é a interminável atividade humana de atribuir significados, sentidos, sentimentos às coisas, ao imaginário e aos mitos e ritos inerentes a qualquer realidade social. O olho é a comunicação e o olhar é a cultura. Tal metáfora nos serve para refletir as profundas ligações que os estudos de Comunicação precisam ter com a Cultura para que tais estudos não se restrinjam a um decalque meramente descritivo da realidade.

Horas depois de concluir a análise e diante da reflexão das conclusões deste trabalho tocou-me profundamente uma reportagem estampada nas agências internacionais e que adentrariam, em questões de instantes, à agenda jornalística nacional. A chanceler alemã Angela Merkel na ocasião de um encontro com jovens estudantes foi questionada por uma menina Palestina que estava na iminência de ser deportada sobre a possibilidade de estudar na Alemanha. A chanceler respondeu sobre a dificuldade em atender a todos os pedidos de refúgio e das aporias em dar condições de cidadania a todos os refugiados que queiram entrar na Alemanha. No mesmo instante da resposta da política alemã, a jovem menina foi à lágrima e acabou sendo consolada por Merkel.

Esse acontecimento reforça a importância de se pensar a imbricação da Comunicação com os estudos da Cultura e toda gama de problemáticas enredadas nesse torvelinho. O caso entre a jovem palestina e a chanceler alemã não é um fato isolado. Se a pauta jornalística esgota o fato ao sabor dos ditames de sua agenda, cabe-nos no âmbito dos estudos de Comunicação pensar nosso estatuto disciplinar e epistemológico enredado na transversalidade. Conforme vimos em nosso escopo, a transversalidade observada nas ementas analisadas estão alinhadas com fenômenos latentes da contemporaneidade que se plasman nas diversas facetas do cotidiano.



Nossos objetivos buscaram compreender como o estatuto disciplinar da Comunicação se imbricava com os estudos culturais, bem como a transversalidade epistemológica atuava nesse processo. Pensar fenômenos do cotidiano seja a interculturalidade, o multiculturalismo, as migrações e diásporas, as identidades étnicas como fenômenos da Comunicação e da Cultura, de modo híbrido, além de reforçar o estatuto disciplinar e epistemológico da Comunicação certamente pode nos oferecer embasamentos sólidos para reflexões de casos inseridos no cotidiano, como o da jovem palestina e de Angela Merkel e propor discussões que perpassem o juízo de valor em condenar ou glorificar a atitude da chanceler alemã. Nesse sentido, as imbricações da Comunicação e dos Estudos Culturais certamente possam problematizar tais acontecimentos em seus contextos históricos de modo que possamos refletir de maneira crítica sem olhar meramente para a ponta do iceberg.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. Matrizes (USP. Impresso), v. 1, 2008.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- BRAGA, José Luiz. **Disciplina ou Campo? A Consolidação dos Estudos de Comunicação**. In: FERREIRA, Jairo Getúlio (Org.). **Estudos de Comunicação: Transversalidades Epistemológicas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **Os Estudos Culturais**. In: HOLFELDT, Antônio et. al. **Teorias da Comunicação: conceitos escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FERRARI, Maria Aparecida et. al. **Relações Públicas: teoria, contexto e relacionamentos**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011.
- GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- JACKS, Nilda Aparecida; ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hackers Editores, 2005.
- KUHN, Thomas Samuel. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; Guillermo Orozco Gomez. **Estratégias de Produção Transmídia na Ficção Televisiva**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: idéias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- QUIROGA FAUSTO NETO, Tiago. **Comunicação, Andanças, Restauração: possibilidades de uma episteme comunicacional**. São Paulo, 2009, Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.